



# O Novo Papel das Forças Armadas dos EUA: Fortalecer a Democracia e Proteger os Direitos Humanos

Embaixador George Bruno

O PÚBLICO NÃO costuma ver as Forças Armadas como sendo campeãs da democracia e dos direitos humanos. De fato, se usarmos como guia a história, a verdade é bem o inverso: as forças militares são mais freqüentemente associadas com a destruição, do que com a proteção de tais valores. Esta percepção generalizada, apesar de ser geralmente confirmada quando testemunhada na *CNN* ou nos jornais da tarde, deixa de reconhecer o excelente trabalho feito por muitos exércitos, marinhas e forças aéreas desdobrados mundo afora em defesa dos valores democráticos.

Enquanto pode ser discutido que o esforço dos Aliados<sup>1</sup> durante a II GM foi provavelmente a mais intensiva operação jamais empreendida para a preservação da democracia e, conseqüentemente, dos direitos humanos, os Estados Unidos hoje, como uma potência mundial, servem como modelo para militares evoluídos em seus esforços de fortalecer a democracia e proteger e promover os direitos humanos. Este artigo é uma modesta tentativa de descrever este papel evolutivo por parte dos militares dos EUA.

## Introdução: Os direitos Humanos são Internacionais

Em 1994, o povo do vilarejo de *Double Head Cabbage* na pequena nação centro-americana de Belize quando quis reconstruir o velho e desgastado prédio da escola, pediram ajuda aos militares dos EUA. Meses depois, após coordenação com a Embaixada dos EUA, o Ministro da Educação de Belize, e residentes locais, viram que uma estrutura nova de quatro salas de aula, construída em concreto e alumínio, encontrava-se pronta para uso estudantil, cortesia da Reserva do Exército dos EUA, da Carolina do Sul, e da Guarda Nacional de Porto Rico.

Construir escolas em outros países é apenas uma

amostra do papel crescente dos EUA e, de um número cada vez maior, de outras forças militares engajadas em atividades não tradicionais que fortalecem a democracia, apóiam o controle civil e protegem os direitos humanos. Enquanto essas histórias raramente são divulgadas, numerosos exemplos de “boas ações” refletem os valores comuns, a crescente maturidade, coragem e amizades entre os militares dos EUA e militares de orientação democrática em nosso hemisfério e por todo o mundo.

Os direitos humanos, na mente de muitos americanos, estão diretamente relacionados com as liberdades mais básicas do *Bill of Rights*, (a declaração de direitos e garantias) que incorpora as primeiras dez emendas da Constituição dos EUA, adotada em 1791. A liberdade da expressão, de imprensa e de reunião, a prática desimpedida da religião, as garantias do processo jurídico e outros direitos são praxes no cotidiano dos EUA e de outras democracias.

Hoje, uma maior conscientização dos direitos humanos engloba o desejo mais básico do ser humano de viver em um ambiente de paz e segurança, ter um plano básico de saúde, educação para os filhos, oportunidades econômicas, um lar e de não sofrer abusos, particularmente por parte do próprio estado. Uma pessoa deve poder ter a liberdade de seguir sua própria cultura, religião ou crença política, aspirações laborais e estilo de vida, sem temer represálias por parte do governo ou retaliações por parte de terceiros na sociedade. De fato, é da responsabilidade do governo em nome do estado, não somente respeitar tais liberdades, mas também protegê-las, contanto que estas não prejudiquem a outrem. É com base neste ideal que o evoluído militar dos EUA desempenha um importante papel de apoio. E é por isso que o respeito pelos direitos humanos, e a aderência a seus princípios democráticos, são uma parte integral do treinamento do

militar norte-americano, na sala de aula e no adestramento em campanha.

## Doutrina Militar e Direitos Humanos

Como parte do apoio à democracia e respeito aos direitos humanos, é prática corriqueira dos militares dos EUA adestrarem-se para participar em atividades de cunho humanitário e de manutenção da paz. Muitas vezes isto é feito em conjunto com entidades internacionais, mas também isoladamente caso necessário, para oferecer assistência onde for possível por determinação da liderança civil. Os militares dos EUA têm trabalhado em conjunto com terceiros para incutir o princípio dos direitos humanos como parte rotineira de sua instrução militar e policial.

Por sugestão dos EUA, no dia 18 de dezembro de 1999, o presidente Arzu da Guatemala emitiu um novo Código de Conduta para os militares de seu país numa tentativa de superar o estigma de abusos dos direitos humanos, em função de ações no passado.

Até o Peru, cujo compromisso democrático é suspeito por muitos, adotou dez regras que espera sejam seguidas pelas suas “Forças de Ordem”:

- Contribuir à paz social, respeitando os direitos humanos;
  - Respeitar a vida humana;
  - Respeitar a integridade do povo e da dignidade humana;
  - Respeitar a propriedade de terceiros;
  - Compreender que as ordens são emitidas para a proteção do público;
  - Não cometer abusos sexuais;
  - Não torturar;
  - Todo preso tem direito a um julgamento legal;
  - Violações de direitos humanos não ficarão impunes; e
  - Vocês são os guardiões da democracia.

Numa edição de bolso distribuída pelas forças peruanas, com estímulo dos EUA, essas têm sido instruídas sobre o espírito da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a saber:

- O ser humano é a responsabilidade suprema da sociedade e do estado; todos temos a obrigação de defender e respeitar os nossos semelhantes.
- A Declaração Universal é o início da melhora da vida humana.
- Todos os seres humanos nascem livres e iguais

## Novos Horizontes

- 2 Exercícios (350-450 passageiros por rodízio) anuais, 1 do Exército dos EUA, 1 da Guarda Nacional do Exército.
- Aproximadamente 5.000 tropas participam cada ano.
- Entre 5 e 7 projetos verticais (escolas e clínicas).
- Treinamento médico incluído.

### Construídos entre 1986–1999

- 90 escolas e clínicas
- 54 poços
- 3 centros comunitários
- Mais de 300km de estrada
- 25 pontes/canais

### Ano Fiscal 1999

Dominica  
Guatemala  
República Dominicana  
El Salvador  
Honduras  
Nicarágua

### Ano Fiscal 2000

Guatemala  
Belize  
Nicarágua  
El Salvador  
Haiti

em sua dignidade e gozam dos mesmos direitos.

- A Declaração Universal protege a integridade da pessoa.
- A Declaração Universal condena a crueldade, estabelece procedimentos legais e mandatos para proteger o lar e a família.

Alguns têm dúvida sobre o compromisso dos militares de países como o Peru, a Venezuela, o Haiti ou outras forças armadas das democracias emergentes para com esses preceitos; certamente, dado o histórico violento de alguns deles, o fato de pelo menos estarem discutindo o tema direitos humanos, tornando-o parte de sua instrução militar, é um passo animador.

## O Auxílio dos Militares Norte-Americanos

Os militares norte-americanos já não combatem apenas em guerras. Nos anos recentes, o avanço nos direitos humanos tem passado por uma aceleração do seu significado social e político. Trabalhando em conjunto com seus parceiros militares e civis mundo afora, os militares dos EUA têm fornecido ajuda às vítimas de um furacão em Honduras<sup>2</sup> e na Turquia, evacuando as vítimas de um vulcão em Monserrat,<sup>3</sup> ajudando as vítimas de uma enchente na Venezuela<sup>4</sup> restaurando a democracia no Haiti,<sup>5</sup> construindo escolas em Belize, promovendo a proteção civil nos Bálcãs, treinando os que mantêm a paz na Bósnia, conduzindo *medrettes*<sup>6</sup> em Honduras, detectando traficantes de drogas sobrevoando os Andes e resgatando refugiados no mar.

As tropas norte-americanas têm sido enviadas a lugares longínquos para levar ajuda humanitária aos cidadãos que estão sofrendo sob o jugo de seus próprios governos. Após décadas de domínio Hutu e de

Soldados da 82ª Divisão  
Pára-quedista em um posto  
de comando móvel, sobre  
uma viatura M113, no Porto  
Príncipe, Haíti.



Fotos: Departamento de Defesa

*Os militares norte-americanos já não combatem apenas em guerras. Nos anos recentes, o avanço nos direitos humanos tem passado por uma aceleração do seu significado social e político. Trabalhando em conjunto com seus parceiros militares e civis mundo afora, os militares dos EUA têm fornecido ajuda às vítimas de um furacão em Honduras e na Turquia, evacuando as vítimas de um vulcão em Monserrat, ajudando as vítimas de uma enchente na Venezuela, restaurando a democracia no Haiti, construindo escolas em Belize, promovendo a proteção civil nos Bálcãs, treinando os que mantêm a paz na Bósnia, conduzindo medrettes em Honduras, detectando traficantes de drogas sobrevoando os Andes e resgatando refugiados no mar.*

repressão em Ruanda, surgiu um conflito com os Tutsis, resultando num genocídio maciço. Quando os Tutsis ganharam controle em julho de 1994, centenas de milhares de refugiados Hutu fugiram para os acampamentos criados pela França numa zona humanitária. Quando a cólera se espalhou pelos acampamentos, os EUA enviaram apoio. Aviões C-130 (Hércules), de transporte, levaram suprimentos enquanto tropas dos EUA chegavam na capital, Kigali, para reconstruir o aeroporto e ajudar a restaurar a ordem civil.

Nem todo esforço humanitário é bem-sucedido. Os EUA ainda estão aprendendo como melhorar o desdobramento de suas forças para apoiar aqueles em necessidade. Quando o ditador General Siad Barre, da Somália, percebeu que seu poder corria perigo depois que a União Soviética decidiu não mais apoiar o seu regime, ele se voltou aos clãs da Somália para reter o

seu poder. A guerra entre os clãs logo ficou fora de controle, e abusos maciços dos direitos humanos causaram reações por parte de um mundo horrorizado.<sup>7</sup> Já por volta de 1990, a nação encontrava-se em anarquia, e, em janeiro de 1991, Barre fugiu do país. Esforços por parte das Nações Unidas para manter a paz e providenciar ajuda humanitária, apoiados pelos Estados Unidos, foram frustrados por gangues de bandidos e militantes dos clãs. No dia 2 de dezembro de 1992, tropas dos EUA apoderaram-se do aeroporto de Mogadishu em preparação para uma operação prolongada de resgate e apoio. As Forças norte-americanas executaram 32 ataques sobre alvos militares e rebeldes e, em outubro de 1993, engajaram-se numa batalha que durou 12 horas na inútil tentativa de capturar o General Muhammad Farrah. Morreram 18 americanos, com 83 feridos. Mesmo com a prisão de 22 ofi-

**MEDRETE**

Exercícios de Treinamento para Prontidão Médica

**Ano Fiscal 2000 (24 missões)****Exercícios Independentes: 11**

Equador  
Peru  
Paraguai  
Costa Rica  
República Dominicana  
Colômbia  
Nicarágua  
Panamá

**Com Exercícios "Novos Horizontes": 13**

Belize  
El Salvador  
Jamaica (Força Aérea)  
Granada (Força Aérea)  
Haiti

ciais da Somália, Aideed ainda estava à solta. As tropas dos EUA se retiraram em março de 1993, tornando difícil a manutenção da paz na África.<sup>8</sup> No verão do ano 2000, após 5 meses de intensas discussões, uma conferência de comandantes de guerrilhas, membros sêniores dos clãs e acadêmicos, assinaram uma nova constituição e estão em vias de eleger um presidente que esperam possa suplantiar os nove anos de caos causado pelas facções em guerra.

Numa nova tentativa de ajudar no “desenvolvimento nacional dos estados africanos”, os EUA enviaram várias centenas de Forças Especiais à Nigéria em agosto do ano 2000 para treinar e equipar cinco batalhões da África Ocidental com 800 soldados cada, a serem desdobrados, sob os auspícios da ONU, em Serra Leoa para apoiar um governo sob cerco. “Nossa meta é devolver ao governo eleito o total controle do território de Serra Leoa e desmobilizar a guerrilha,” disse o Vice-Secretário de Estado dos EUA, Thomas Pickering.<sup>9</sup>

Desde julho de 2000, o Exército norte-americano tem 24.686 soldados desdobrados em 84 países desempenhando uma variedade de tarefas humanitárias.<sup>10</sup> Durante o ano 2000, no Haiti, equipes médicas do Exército dos EUA trataram mais de 7.000 pacientes e engenheiros do Forte Polk, no estado de Louisiana, construíram uma escola e repararam um hospital. Na Nicarágua, a Guarda Nacional do estado do Alabama construiu três clínicas e uma escola. Forças Especiais dos EUA foram desdobradas para El Salvador para o adiestramento com tropas deste país, Dominica, Santa Lúcia, Antígua e Barbuda, São Cristóvão e Névis em um quadro de ação antiterrorista.

Muitos integrantes das tropas dos EUA são encontrados na reserva, ou então pertencem à Guarda Nacional de sua cidade, tornando-se voluntários duas semanas por ano e mais um fim de semana por mês. São enviados com frequência a outros países em missões de adiestramento e para construir escolas, pontes, unidades médicas ou outras obras públicas. Após com-

pletarem seu período de serviço, esses soldados-cidadãos, substituídos pelo próximo contingente, guardam seus uniformes e voltam às suas casas e famílias, reassumindo suas ocupações rotineiras como programadores de computador, contadores, carpinteiros ou empregados de escritório. Isso não põe somente habilidades altamente sofisticadas à disposição dos militares norte-americanos, mas enfatiza o conceito do controle civil sobre os mesmos.

**Os Parceiros da Guarda Nacional**

Esforços para expandir os contatos pacíficos de militar a militar nas regiões antes governadas por ditaduras, particularmente na Europa Oriental e em países da antiga União Soviética, têm sido bem-sucedidos. Foi criado um novo papel para o militar em um programa conhecido como Parceiros Estatais.<sup>11</sup> A Guarda Nacional de muitos estados dos EUA entraram em parceria com várias democracias em evolução na Europa Oriental e na América Latina.<sup>12</sup> A freqüente colaboração e os intercâmbios entre a Guarda Nacional e essas democracias têm resultado em exercícios de treinamento conjunto, propostas para aprimorar a justiça na construção de rodovias, construção de escolas e em outros projetos.

Desde 1994, o planejamento cívico-militar tem-se tornado uma ferramenta no amparo ao engajamento de apoio a desastres. Em 1999, uma conferência cívico-militar sobre o planejamento para emergências, sob o patrocínio do Ministério da Defesa da Bulgária, com apoio da Guarda Nacional do estado do Colorado e assistência dos militares dos EUA, reuniu líderes da Albânia, Macedônia, Turquia, Grécia, Itália, Romênia, Eslovênia e a própria Bulgária, para ajudar a definir missões novas e não ameaçadoras para seus militares e suas forças de proteção civil.<sup>13</sup> Seminários, para dar continuidade aos novos relacionamentos, foram mantidos. Primeiro, entre as organizações para a proteção civil de nações vizinhas e, depois, entre as estruturas militares que lhes prestavam apoio.

O compartilhamento de informação, fortalecimento de confiança, desenvolvimento de relações amigáveis, treinamento conjunto, e os esforços de apoio cooperativo proporcionam aos militares de democracias emergentes nova estatura e papéis definidos, colocando-os em condições de ajudar seus compatriotas e a promover o bom relacionamento com países fronteiriços. Por exemplo, quando refugiados de Kosovo cruzam a fronteira, ou um terremoto sacode a Turquia,



Provisões são transportadas para um avião C-130 Hercules da Guarda Nacional Aérea da Virgínia para a área de distribuição no aeroporto de Tegucigalpa, Honduras, após o furacão Mitch, em novembro de 1998.

*Foi criado um novo papel para o militar em um programa conhecido como Parceiros Estatais. A Guarda Nacional de muitos estados dos EUA entraram em parceria com várias democracias em evolução na Europa Oriental e na América Latina. A freqüente colaboração e os intercâmbios entre a Guarda Nacional e essas democracias têm resultado em exercícios de treinamento conjunto, propostas para aprimorar a justiça na construção de rodovias, construção de escolas e em outros projetos.*

o estabelecimento das comunicações e o apoio de parceiros regionais estará disponível.

A cooperação entre militares de países vizinhos e a expansão do comércio internacional são metas declaradas da política externa dos EUA. Ambos conceitos surgiram em outubro de 1999, quando os exércitos do Chile e da Argentina mantiveram seu primeiro exercício tático combinado. Estes dois países quase foram à guerra em 1978 por uma disputa fronteiriça. E tão recentemente como em 1997, o Chile não se dispunha a conduzir tal exercício. Vários fatores contribuíram para esse acontecimento pioneiro. Primeiro, o Cone Sul<sup>14</sup> formou um bloco de comércio que aproxima economicamente a ambos. Segundo, os militares argentinos, em face dos cortes cada vez maiores no seu orçamento, vêm patrocinando a confiança regional e as medidas de segurança durante alguns anos. Finalmente, em junho de 1999, a Argentina e o Chile resolveram a última de suas 14 disputas fronteiriças. O exercício

talvez seja também indicativo de maior disposição por parte do Chile em participar das atividades internacionais como a de manutenção da paz.

Durante o ano, os militares dos EUA convidam líderes da América Latina, da Europa e de outras nações para participarem de cursos, conferências e exercícios de apoio em situações de calamidades, sobre o meio ambiente, direitos humanos, manutenção da paz, estratégia regional, planejamento contra o narcotráfico e ajuda humanitária. Esta atividade salva e melhora condições de vida, integra os militares com a população e ajuda a proporcionar estabilidade regional. Tudo isto reverte em benefício de manutenção de um clima político que respeita os direitos humanos.

## **Os Militares dos EUA Distribuem a Riqueza**

Os militares dos EUA estão num constante estado de aprimoramento do seu equipamento e suprimento.

Por meio de um processo chamado de Excesso de Propriedade Pessoal Federal (*Federal Excess Personal Property*), em conjunto com o Programa de Assistência Humanitária da *USAID* (*USAID's Humanitarian Assistance program — HAP*), fotocopiadoras usadas, computadores, material escolar, móveis, veículos, equipamento médico e outros itens são declarados como excesso e leiloados, ou mais provavelmente, doados a governos estrangeiros ou organizações não governamentais que estejam trabalhando em áreas como a saúde, educação e o meio ambiente.

Durante 1998-1999, quando as escolas americanas fecharam no Panamá devido à transferência do Canal, clínicas de saúde de Belize receberam 20 contêineres de suprimentos médicos e 10 com livros escolares, representando uma média de 2 livros para cada criança no país. Em 1998, quando o furacão *Mitch* devastou a Costa do Mosquito na América Central, excessos de roupa, cobertores, ferramentas, comida e utensílios vindos do Panamá contribuíram à reconstrução em Honduras, Guatemala e outros lugares. Aproveitando o excesso de materiais do Panamá, o General Wilhelm, Comandante do Comando Sul dos EUA, foi capaz de doar itens no valor de 60 milhões de dólares a 30 países da América Latina.

Similarmente, sob um acordo cooperativo entre os militares dos EUA e a *USAID* no que é chamado de Programa *Denton*, em homenagem ao senador do estado da Alabama, itens doados originários dos EUA recebem transporte grátis, de acordo com a disponibilidade de espaço, em qualquer aeronave militar dos

*Construir escolas em outros países é apenas uma amostra do papel crescente dos EUA e, de um número cada vez maior, de outras forças militares engajadas em atividades não tradicionais que fortalecem a democracia, apóiam o controle civil e protegem os direitos humanos. Enquanto essas histórias raramente são divulgadas, numerosos exemplos de “boas ações” refletem os valores comuns, a crescente maturidade, coragem e amizades entre os militares dos EUA e militares de orientação democrática em nosso hemisfério e por todo o mundo.*

EUA ou navio que esteja a caminho do destino das doações. Como no *HAP*, o programa custa pouco ao povo americano, ajuda às pessoas necessitadas, e cria amizades para os EUA mundo afora.

### Escolas de Adestramento Militar dos EUA e a Democracia

Uma nova consciência de profissionalismo e serviços militares modernos por todo o Hemisfério Ocidental, têm apoiado a transformação de ditaduras em democracias. Hoje, 33 de 34 países na América Latina e o Caribe são democracias, ou se encontram em vias de transição nesse sentido, Cuba sendo a única exceção. A Escola das Américas,<sup>15</sup> anteriormente localizada no Panamá e durante anos recentes operando no Forte Benning, no estado da Geórgia, tem facilitado essa mudança. Os cursos são ministrados em espanhol e oferecem aos oficiais da América Latina, que vêm aprender a moderna doutrina militar, enfatizando os direitos humanos, a estratégia e hospitalidade americana.

“Não pode haver progresso sem paz e estabilidade,” diz o Coronel Glenn R. Weidner, Comandante da Escola das Américas do Exército dos EUA. “As forças armadas nas sociedades devem responder ao povo.”<sup>16</sup> Numa sociedade livre é de suma importância que os militares





serviço militar na sociedade. Como parte da bolsa escolar anual, os estudantes visitantes, como no passado, serão encorajados a trazer suas famílias e desfrutar da experiência entre si e a sociedade dos EUA. A docência do instituto irá salientar a lição que, sob a lei internacional, ninguém deve torturar cidadãos ou soldados inimigos para obter informação ou submissão. Os Secretários do Exército, de Defesa e Estado reconhecem a importância para a segurança nacional de fornecer a educação profissional e o adestramento dos líderes civis e militares das nações do Hemisfério Ocidental. O instituto proporcionará a preparação de líderes jovens para encararem com sucesso os desafios de protegerem os valores democráticos. Quando voltarem para casa, esses oficiais representarão a liderança do futuro de suas

e a polícia compreendam — por intermédio do adestramento e da educação — como devem se relacionar com governantes eleitos democraticamente assim também como com os demais cidadãos, de acordo com Weidner. Isto implica em ensinar princípios sobre os direitos humanos.

Da mesma forma, a *National Defense University*,<sup>17</sup> (Universidade de Defesa Nacional) localizada em Washington, DC, convida oficiais estrangeiros a viverem e aprenderem juntos durante um ano. Por exemplo, oficiais da Índia e do Paquistão têm os mesmos programas e cursos. Discutem, debatem e exploram doutrina militar e valores em comum que, esperançosamente, dará a cada um uma melhor compreensão sobre o outro. Assim, o propósito dos militares dos EUA não é apenas o de oferecer um exercício militar, mas também de reunir, com tato e objetividade, povos distintos e estabelecer relações e diálogos saudáveis. O respeito pelos direitos humanos, assim como de um para o outro, é um importante benefício.

Fundada durante a época da Guerra Fria, a Escola das Américas encerrou as suas atividades em dezembro de 2000 e foi sucedida por um novo instituto de múltiplas disciplinas com um mandato mais amplo e renovado, a ser administrado por uma Junta de Visitantes que inclui representantes de outras forças singulares, organizações não governamentais, entidades privadas e peritos em política externa.

O novo instituto enfocará as novas doutrinas militares, a democracia, os direitos humanos, o respeito pelo controle civil sobre os militares e o papel apropriado do

forças armadas e países e serão capazes de passar adiante os valores positivos e o adestramento que receberam no instituto. Concretizando o propósito do instituto, líderes militares que têm os mesmos valores democráticos e são amigos de seus correspondentes nos países vizinhos estarão menos inclinados a serem hostis uns com os outros quando surge alguma disputa, contribuindo para a estabilidade regional.<sup>18</sup>

## Apoio Médico e Militar dos EUA

Durante quase todo o ano, a equipe estadunidense *medrette*.<sup>19</sup> de doutores, enfermeiras, paramédicos e peritos médicos estão trabalhando por toda a América Latina e em outras partes do mundo, a convite dos governos anfitriões, levando apoio de saúde às populações carentes em locais remotos.

Depois dos furacões *Georges* e *Mitch*, em 1999, homens e mulheres das Forças Armadas dos EUA foram à Guatemala, Honduras e Nicarágua para levar apoio e cuidados médicos às vítimas. Trouxeram com eles suprimentos de saúde, comida, roupa, móveis e ferramentas para ajudar os moradores na reconstrução de suas casas e comunidades. Recolheram escombros, reabriram estradas e aeroportos, restauraram fontes de energia e ajudaram os cidadãos a recuperarem um sentido de ordem em suas vidas.

Equipes móveis de médicos dos EUA, particularmente na América Latina, estão acostumadas a se estabelecerem em vilarejos distantes, assentados na selva ou montanhas. Equipes de clínicas temporárias, com 12 a 20

### Visitas do Comandante e o Programa de Visitantes Ilustres

#### Programas de Visitantes Ilustres

Paraguai	El Salvador
Chile	Antígua e Barbuda
Argentina	Barbados
Bolívia	São Cristóvão e Névis
Venezuela	Dominica
Uruguai	São Vicente e Granadinas

#### Visitas do Comandante

JAN–Colômbia
FEV–Paraguai
MAR–Guatemala
ABR–Peru
MAIO–Haiti
JUN–República Dominicana e Chile
JUL–Bolívia
SET–El Salvador e Venezuela

profissionais, às vezes dentro de edifícios doados, outras em tendas, podem tratar de centenas de pacientes por dia, e depois se desdobram para outros locais. Muitas vezes o vilarejo inteiro aparece para receber assistência. O motivo é que esta pode ser a única oportunidade em todo o ano na qual poderão ver um médico ou dentista. O resultado é que dezenas de milhares de pessoas, de toda a região, ganham acesso aos serviços de saúde que provavelmente não receberiam de outra maneira. Fora os serviços básicos e de exames de saúde, a equipe militar ensina hábitos saudáveis aos moradores locais e deixam para trás escovas de dente, panfletos para orientação sobre a saúde e outros suprimentos de saúde.

## O Militar dos EUA e as Drogas Ilícitas

Muitas vezes não considerados no contexto dos direitos humanos, o militar estadunidense, trabalhando em conjunto com seus parceiros por toda a América Latina, está fazendo um esforço determinado para amenizar o fluxo ilegal de drogas. As drogas estão ligadas à lavagem de dinheiro, às emergências de saúde, ao crime violento, abuso de menores, à corrupção dos sistemas oficiais e legais e ao enfraquecimento da economia, causando uma séria ameaça aos direitos humanos.

Coordenados por uma força-tarefa conjunta operando em Key West, no estado da Flórida, os militares dos EUA se desdobram pelo ar e mar para interditar os narcotraficantes que transportam as drogas ilícitas de um país para o outro. As armas usadas nesta luta incluem o adiestramento, a coleta e a disseminação da informação, erradicação, monitoramento marítimo e aéreo, interdição, educação de cidadãos e o apoio às outras forças armadas da região com recursos para melhorar suas próprias capacidades de combate às drogas. Num esforço contínuo, militares norte-americanos e da América Latina conduzem operações conjuntas para abordar navios, pulverizar e queimar áreas de produção de maconha e cocaína, realizar incursões, monitorar comunicações e

distribuir literatura advertindo cidadãos dos perigos relacionados com as drogas ilícitas.

O problema das drogas ilícitas envolve cada vez mais países. Os EUA devem fazer mais para controlar a demanda em seu território e os outros países devem fazer mais para cortar o suprimento e proteger seus próprios cidadãos do abuso de drogas e da corrupção. Embora não vista inicialmente como uma missão militar, as Forças Armadas dos EUA e de outros países latino-americanos, armadas com um pacote de

ajuda de 1.5 bilhão de dólares, autorizado pelo Congresso norte-americano em julho do ano 2000, principalmente para fins militares e de segurança, encontram-se totalmente engajadas para frustrar essa agressão.<sup>20</sup>

## O Desafio Futuro

Na medida em que o mundo torna-se cada vez mais inter-relacionado, a tolerância e o respeito pelo indivíduo, em função das diferenças entre os povos, torna-se mais urgente. Barreiras artificiais não podem perdurar em um mundo que procura segurança, estabilidade, maior liberdade e prosperidade.<sup>21</sup>

O papel tradicional do militar em combater para deter as agressões contra povos e territórios continuará existindo. A necessidade de impor as zonas de exclusão no Iraque, agir como reduto para repelir ataques através da fronteira na Coreia, deter o extermínio étnico em Kosovo e manter mares calmos no Estreito de Taiwan não dão mostras de um fim próximo. Contudo, cada vez mais, os Estados Unidos e outras forças armadas orientadas democraticamente estão sendo chamadas para se engajarem no que vem sendo conhecido no linguajar militar por “operações de não guerra.” Enquanto aprendem novas habilidades para enfrentar essas necessidades, os militares norte-americanos têm-se tornado adeptos a descobrirem maneiras para respeitar e amenizar diferenças humanas. A chave está em aproximar as pessoas, humanizar a necessidade pela tolerância, e promover as condições que permitam às pessoas se conhecerem melhor e assim reduzir a miséria, o medo e a suspeita mútua.

A Estratégia da Segurança Nacional dos EUA enfatiza o engajamento com outros governos e militares para criar um ambiente internacional positivo. Ainda, no final, é a autoridade civil operando dentro de um ambiente democrático que deve se responsabilizar pelo bem estar de seus cidadãos. O militar pode executar um destacado papel de apoio.

Os governos serão julgados pela forma com que

tratam suas populações e pelas liberdades proporcionadas aos seus cidadãos. Proteger os direitos humanos e a democracia, tolerar diferenças, assegurar um ambiente dentro do qual os cidadãos possam dar vazão às suas aspirações pessoais e políticas, e assegurar que as pes-

soas tenham as ferramentas básicas para seguirem vidas seguras e produtivas é da mais alta responsabilidade do governo e da sociedade. O militar dos EUA reconhece isto e trabalha arduamente para tornar realidade essas esperanças e valores democráticos. **MR**

---

## Referências

1. Não obstante a União Soviética.
2. Devastando Honduras, Guatemala, El Salvador e Nicarágua em 1998. O furacão *Mitch* foi o pior desastre natural na América Central dos últimos 200 anos com cerca de 20.000 pessoas mortas ou desaparecidas. O Comando Sul do Exército dos EUA enviou mais de 1.600 toneladas de suprimentos, executou mais de 500 missões aéreas e contribuiu com 5.000 soldados à missão de apoio.
3. Similarmente, a erupção em junho de 1991 do vulcão do Monte Pinatubo, nas Filipinas, foi a maior dos últimos 50 anos. Um esforço cooperativo entre as forças militares dos EUA na Base Aérea *Clark*, a *Geological Survey Agency* dos EUA e autoridades locais, permitiram a evacuação segura de mais de 58.000 residentes.
4. No dia 20 de dezembro de 1999, enchentes na Venezuela causaram milhões de dólares em prejuízos materiais e a morte de aproximadamente 30.000 pessoas. O General Phil Kensingler, Comandante do Exército do Comando Sul dos EUA, rapidamente desdobrou 3 helicópteros *UH60 Black Hawk* e mais um helicóptero *Chinook CH-47*, duas unidades médicas, 100 militares dos EUA e apoio de contratados. Em outras áreas, o Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA forneceu assistência à Bolívia, ao Panamá, às Nações Unidas, ao Banco Mundial e a outros, por meio do controle de inundações, gerenciamento de bacias hidrográficas, tratamento de esgotos, construção de oleodutos, restauração do meio ambiente, melhoramento de portos, construção de pontes e outros trabalhos de engenharia.
5. Um golpe militar, em setembro de 1991, forçou o democraticamente eleito presidente do Haiti, Jean Bertrand Aristide, a abandonar o poder, ocasionando a supressão dos direitos individuais. Em junho de 1994, os EUA organizaram uma força invasora multinacional, apoiada pela ONU, para devolver o poder a Aristide. A Junta, liderada pelo Tenente General Raoul Cedras, recusava-se a sair até ser informada que a 82ª Divisão Pára-quedista já estava no ar, a caminho do Haiti, e preparada para removê-lo do poder por meio da força. Num acordo, em setembro de 1994, entre a Junta e o ex-Presidente dos EUA, Jimmy Carter, o presidente eleito foi recolocado no poder e uma força de manutenção da paz, da ONU, permaneceu no Haiti para preservar a ordem e ajudar a reconstruir a democracia. Ainda em fase progressiva, com o espectro de um único partido, hoje o povo haitiano encontra-se mais seguro em relação ao terrorismo apoiado pelo estado, que durante longo tempo controlou suas vidas. Outros exemplos do uso do poder militar dos EUA no estabelecimento da ordem democrática ocorreram em 1979 em Granada, em 1989 no Panamá, e em 1999 em Kosovo.
6. Exercícios de prontidão médica.
7. Na época, não era visto como abuso dos direitos humanos no sentido clássico. Na verdade, a população morria de fome devido à guerra civil, desordem, e escassez de alimentos. Suprimentos foram trazidos por organizações de apoio, mas ladrões e bandidos costumavam roubar ou desviar os embarques. A intervenção militar foi pedida para proteger as organizações de apoio e permitir que os suprimentos chegassem ao seu destino.
8. Existem muitos exemplos de quando uma força militar, que se supõe exista para proteger seus cidadãos, ignora o abuso causado a estes por parte de seus próprios soldados. Em 1999, no Timor Oriental, o governo da Indonésia, em Jacarta, e seu taciturno supremo comandante militar, o General Wiranto, pareciam incapazes de controlar comandantes cujos soldados e a milícia encontravam-se engajados em violentar mulheres e cometer assassinatos e violência incontrolada. De fato, foram os militares que se opuseram ao subsequente plebiscito bem-sucedido de independência. Após o voto, o presidente indonésio B. J. Habibie, numa humilhante decisão, permitiu a entrada de forças australianas, filipinas, americanas e outras mais para controlar a crise. Ao invés de se alinhar com as forças democráticas, o militar da Indonésia optou por ser visto como o opressor e agente de destruição no Timor Oriental.
9. *New York Times*, p.1, 9/8/00.
10. Fora isso, existem 123.557 soldados desdobrados em 108 países, incluindo 114 de ativa e 9.081 soldados da Reserva do Exército.
11. O Programa de Parceiros Estatais (*State Partnership Program* da Guarda Nacional não deve ser confundido com a Parceria para a Paz (*Partnership for Peace*), uma iniciativa da OTAN, criada pelos EUA, para engajar da mesma forma serviços militares de antigas nações satélites da ex-União Soviética em objetivos pacíficos. Os dois programas muitas vezes trabalham em conjunto.
12. Exemplo, o Panamá em parceria com a Guarda Nacional, El Salvador com o estado de New Hampshire e Belize com o estado da Louisiana, para mencionar alguns.
13. A conferência e o plano que durou um ano para a sua implantação, oferecem interação entre grupos nacionais responsáveis pela proteção da população dos países da região dos Balcãs, países Europeus e membros da OTAN na área de apoio durante desastres naturais, emergências e catástrofes em terra e mar. Modelos similares têm sido desdobrados para aprimorar a cooperação entre líderes civis e militares no Báltico e na América Latina. De fato, às vezes não há nada tão eficaz para aproximar vizinhos que eram antigos rivais quanto um desastre natural. Imagine o sentido de frustração e de desespero mútuo quando equipes de resgate gregas desdobraram rapidamente para prestar assistência aos cidadãos turcos após o terremoto de 1999 na Turquia, que matou mais de 15.000 pessoas em um dos piores desastres naturais da história. O presidente grego Costis Stephanopoulos deu uma recepção aos que trabalharam no resgate, dizendo-lhes que os gregos "sempre se lembrarão de vocês com profundos sentimentos de amizade." (*New York Times*, 12/09/99). Enquanto isso, autoridades gregas e turcas começaram a discutir sobre cooperação no turismo, meio ambiente e comércio.
14. Significa todos os países que formam a parte sul da América do Sul.
15. Alguns críticos alegam que os graduados da Escola, fundada em 1946, têm conduzido ataques, incluindo tortura, contra governos dissidentes em países como a Guatemala e El Salvador. Sugerem que tais abusos foram aprendidos na Escola. Oficiais do Pentágono negam isto veementemente. Os oficiais comentam que entre os 60.000 militares latino americanos que se graduaram nos últimos 50 anos, existem alguns com mau caráter, como o antigo ditador panamenho Manuel Noriega, que hoje está cumprindo sentença em uma prisão, em Miami, na Flórida, por tráfico ilícito de drogas, entre outros crimes.
16. *Soldiers*: A revista oficial do Exército dos EUA, setembro de 1999, p. 5.
17. Similares habilidades na manutenção da paz são ensinadas no *Army War College* em Carlisle, estado da Pennsylvania, e no *John F. Kennedy Special Warfare Center and School*, em Forte Bragg, na Carolina do Norte. Por exemplo, exercícios são desenhados para demonstrar como uma combinação de patrulhas militares/policiais de muçulmanos e croatas podem tentar proteger cidadãos num lugar como a Bósnia. Soldados são adestrados para analisar a história, as diferenças raciais e religiosas, os sensíveis aspectos culturais, o tato, e, em alguns casos, como agir como prefeitos de pequenas cidades até a chegada das autoridades da ONU que tomarão posse. Cursos ensinam habilidades nas negociações, como trabalhar com organizações de apoio civil, coordenar tradutores, proteger a propriedade, usar a força com controle, e promover a cooperação entre facções que antes estavam em guerra.
18. Em 1998, quando o Peru e o Equador resolveram suas diferenças fronteiriças após um esforço diplomático de três anos de duração com o auxílio do Coronel Glenn Weidner, Comandante e graduado da Escola das Américas, o resultado foi um cessar-fogo sob supervisão, a separação dos combatentes, a desmobilização de 140.000 militares, o estabelecimento de uma área desmilitarizada e missões contínuas de observadores. Dos seis oficiais que foram chave para o sucesso da missão, três eram graduados ou foram instrutores da Escola das Américas. A "lição" com a escola forneceu um maior sentido de entendimento comum e incremento da confiança a qual permitiu, finalmente, concretizar a paz.
19. Prontidão médica.
20. Enquanto muitos dos problemas na Colômbia são de caráter social, a deterioração da obediência às leis tem produzido o caos. Programas para apoiar o aumento do desenvolvimento alternativo, a democracia emergente, a proteção dos direitos humanos, a reforma judiciária e a assistência humanitária são integrados para a resolução destes problemas. Os programas devem combinar com fortes esforços policiais na guerra contra o tráfico de drogas, o que permitirá ao governo da Colômbia impor a sua autoridade nas áreas onde a guerrilha, os paramilitares e os criminosos comuns operam com impunidade. A estratégia dos EUA está preparada de modo a ajudar à Colômbia a alcançar essa meta.
21. Certamente, este é um dilema que não pode continuar a inibir o Paquistão e a Índia, cada qual tendo que encontrar meios que não sejam de combate para solucionar suas antigas diferenças. Sua disputa representa um dos poucos exemplos de onde democracias estabelecidas encontram-se num estado de contínua hostilidade entre si.

---

*George Bruno atualmente trabalha como executivo no Pentágono, no Escritório do Vice-Subsecretário do Exército para assuntos internacionais. Ele serviu como Embaixador dos EUA em Belize, no período de 1994 a 1997. É advogado e ministrou inúmeras palestras por toda a Ásia e América Latina sobre os direitos humanos e a democracia.*